



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Possibilidades de leitura sobre a personagem Mônica<sup>1</sup>**

**Marcilia Luzia Gomes da Costa Mendes**

UnP- Universidade Potiguar (Natal, RN)

### **Resumo**

Análise sobre os mecanismos ideológicos que presidem a organização das mensagens veiculadas pelas histórias em quadrinhos, objetivando detectar a ideologia que permeia o discurso quadrinizado da série **Mônica** produzida pela Maurício de Sousa Produções. É através das feições dadas a personagem, os seus interesses e motivações, que se ajuizará a que interesses ideológicos as mensagens estão se remetendo. Discute-se também como é elaborada a leitura dos sujeitos entrevistados sobre **Mônica**. Para isso, define-se algumas coordenadas de problemas através das quais transcorrem as análises e deliberações.

*Palavras-chave:* quadrinhos, discurso, ideologia

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP16 – Núcleo de Pesquisa História em Quadrinhos, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.

## 1 INTRODUÇÃO

*“A necessidade de participação e envolvimento catártico motivada pela alienação do indivíduo, a metamorfose da informação em mercadoria, o avanço da ciência, a nova consciência da realidade, enfim, as coordenadas características do estabelecimento da sociedade de consumo criaram as condições para o aparecimento e sucesso do jornal, cinema e história em quadrinhos” (Moya,1977,p.108-110 ).*

Na era em que os processos comunicativos atingiram um altíssimo grau de sofisticação, devido as novas tecnologias de informação, seria injustificável afirmar que não somos resultantes desse complexo de impulsos informativos que coexistem no espaço atual da cultura. Isso não quer dizer que, em épocas passadas onde a conquista do instrumental tecnológico de reprodução e veiculação de mensagens sequer tinha sido sonhado, as civilizações não tenham sido igualmente forjadas pelas laborações codificadas, pelas múltiplas falas sociais. Somos, permanentemente, enquanto forças do espírito humano, produtores de discursos.

É certo também que, com o advento da explosão comunicativa neste nosso século, alterou-se profundamente a dinâmica das sociedades: valores, gostos, atitudes, crenças e prazeres viram-se, de repente, instigados por uma nova ordem, chamados a fazer parte de uma cultura que se alastrava por todos

os cantos. Mas, se as novas tecnologias consolidaram um certo monolitismo, considere-se que nunca na história da humanidade se teve tanto acesso à informação como hoje. Os discursos, das mais diversas ordens e naturezas, se multiplicam numa vertiginosidade jamais vista.

Somos atraídos, de forma ininterrupta, ao coração das mensagens, aos registros do nosso tempo. Fugir da conclamação sedutora do exercício discursivo é algo difícil, já que ele nos pertence e a ele somos pertencidos. A convivência no interior dos discursos não apenas nos fornece os instrumentos indispensáveis para a apreensão racional do mundo, mas movimenta com as forças subjetivas, instiga as dimensões perceptivas, faz-nos mergulhar num emaranhado de paixões. A complexidade desses fatores, aliada às diversas intensidades receptivas, é algo de inenarrável, já que pautada



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

na heterogeneidade dos comportamentos humanos, representa enorme variedade interpretativa.

As histórias em quadrinhos, nas últimas décadas, têm se multiplicado de forma surpreendente. Como um sistema de comunicação universal, elas surgem, a princípio, com o caráter de divertimento que atinge, principalmente o público infanto-juvenil.

Mas, através deste caráter de divertimento, se molda toda uma concepção ideológica que o autor das histórias em quadrinhos perpassa sutilmente, através dos seus personagens e dos enredos dessas histórias.

Para realizar o nosso empreendimento de pesquisa das histórias em quadrinhos; elegemos a personagem Mônica<sup>2</sup> como o nosso objeto empírico de análise. É nosso objetivo analisar a personagem numa perspectiva ideológico - informacional, explicitando como é trabalhada a construção dessa personagem e como o seu discurso é permeado por uma concepção ideológica burguesa; detectando aspectos que reforçam as relações de poder existentes na sociedade.

Na análise das histórias em quadrinhos da Mônica utilizamos os recursos da Análise de Discurso que se constitui numa região teórica dos estudos lingüísticos. Estes recursos nos orientarão à análise da linguagem quadrinizada. A opção da Análise de Discurso (doravante AD) para o confronto com o texto é consequência das capacidades de apreensão não apenas dos processos verbais, mas principalmente dos sociais, históricos, políticos e ideológicos que os discursos estão fundamentados ou trazem em seu bojo.

Uma das principais características da AD é ser um dispositivo de análise que possui uma ótica multidisciplinar, e em virtude da abrangência dos seus aportes teóricos enquanto conhecimento sistematizado, está pautada sempre pela provisoriade, aberta que está a freqüentes revisões e avanços (Silva, 1998).

Concordamos com Orlandi (1987) ao colocar a AD sob três fundamentos: a teoria, a crítica e a ideologia e quando percebemos que essa tríade teórica acompanha este trabalho ao longo de seu percurso.

---

<sup>2</sup> Neste trabalho estabelecemos a seguinte convenção: *Mônica* para fazer referência a personagem; e **Mônica** para a série, coleção, revista.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Esta pesquisa insere-se também no amplo circuito da leitura crítica das mensagens veiculadas pelas histórias em quadrinhos. Por que leitura crítica ao invés de outra nomenclatura?

Assumimos aqui essa designação porque ela atende de maneira geral, a um campo de estudos que se debruça sobre os domínios ideológicos, informacionais e culturais trazidos pelas histórias em quadrinhos. O aspecto central que marca estes estudos está no trabalho de leitura.

É importante aqui lembrar que o processo de leitura, tal e qual o estamos entendendo, se localiza nos processos de significações detonados pelas produções textuais que, na verdade, representam um exercício especulativo, trabalhado com o objetivo de interpretar os sentidos (ou significações) subjacentes ao texto.

Segundo Nattiez (1979,p.20-21 ): *as significações são o resíduo de estruturação e formalização e porque remetem à vivência dos utilizadores do signo são também indefinidas.*

A posição de Nattiez deixa claro que a interpretação (ou leitura) dos signos é incontrollável, porque corresponde à vida deles no seio de uma sociedade, e porque os sujeitos, com suas mais diversas motivações, assumem posições diferentes quando chamados a interpretá-los.

Após inúmeras leituras, buscamos o entendimento (por meio do que poderíamos denominar de “leitura de interlocução”) de como se organiza a leitura em um grupo de leitores das histórias em quadrinhos da série Mônica.

Em Pêcheux (1993), a interlocução deve ser compreendida nas condições do discurso, o quadro de suas significações apoiando-se no contexto histórico-social e nas formações imaginárias que envolvem o leitor.

Essas condições abrangem o contexto histórico-sócio, ideológico, a situação, os interlocutores e o objeto de discurso, de tal forma que aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação aos outros discursos, etc. (Orlandi,1993,p. 85).

Nesse sentido, exatamente por reconhecermos o extenso leque de possibilidades que se abre para a aproximação dos discursos, e por sabermos, também da



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

heterogeneidade de sujeitos (que, no fundo representa heterogeneidade interpretativa), decidimos pela nomenclatura de “leitura crítica” para analisar a leitura nesse grupo.

Colocados na trajetória da cultura pós - moderna não podemos negar que boa parte das nossas vidas esteve entremeada por um dos mais fustigantes veículos da produção seriada de mensagens: as histórias em quadrinhos. E no momento em que as tomamos como objeto para este exercício especulativo, talvez estejamos realizando um daqueles saborosos reencontros com a infância, quando nos deliciávamos percorrendo atentamente as estrepolias dos nossos heróis de papel. Esse reencontro, contudo, mantém um outro nível de relação: quer apreender a dimensão mais profunda das mensagens quadrinizadas. Agora, os nossos olhos não são tão inocentes, mas, nem por isso, menos apaixonados

## 1.2 PROBLEMA E METODOLOGIA

As histórias em quadrinhos da Série Mônica destinam-se principalmente ao público infanto-juvenil; ou seja, voltam-se para aquela faixa etária (7 aos 12 anos) onde os indivíduos estão em fase de formação da mentalidade.

Tendo em vista essa realidade e baseados na influência que os quadrinhos exercem nesse público; realizamos a análise do discurso da Mônica para relacionar como a produção/construção do discurso quadrinado está fundamentada por uma concepção ideológica burguesa.

Buscando ainda uma maior compreensão da relação entre informação, ideologia e histórias em quadrinhos, verificamos também como é elaborada a leitura da Mônica em um grupo de crianças na faixa etária dos 7 aos 12 anos (a priori leitores da Mônica).

O problema desse estudo pode ser equacionado nos seguintes termos:

a) que tipos de concepções ideológicas estruturam/possibilitam o discurso quadrinado da personagem Mônica?

b) como se estabelece a leitura da Mônica no público infanto-juvenil entrevistado?

## 1.3 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Para realizar o nosso empreendimento de leitura das histórias em quadrinhos, optamos pelas publicações da série Mônica, editadas pela Editora Globo, cujos direitos autorais pertencem aos Estúdios Maurício de Sousa Produções.

Alguns dados foram decisivos para a escolha da série Mônica. Passemos portanto a especificá-los:

- 1) personagem cuja criação é nacional;
- 2) pela popularidade que a personagem detém junto ao público leitor;
- 3) pela edição de suas revistas, que hoje atinge não só o Brasil, mas também vários outros países: Itália, Japão, Arábia, etc.;
- 4) pela importância da Turma da Mônica, quando da participação de campanhas educativas: vacinação, preservação do meio ambiente, promoção e divulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, etc.;

por ser uma revista premiada internacionalmente;

pela importância da personagem no contexto da produção quadrinizada nacional, que atinge hoje outros veículos de comunicação como TV, cinema e vídeo.

Após a escolha da personagem, estabelecemos os seguintes objetivos na orientação da pesquisa:

#### 1.4 Objetivos Gerais

- a) analisar o discurso veiculado pelas histórias em quadrinhos da série Mônica numa perspectiva ideológica;
- b) relacionar de que maneira a construção/produção do discurso quadrinizado reforça às relações de poder existentes na sociedade;
- c) analisar a leitura das mensagens quadrinizadas da série Mônica, em um grupo de 20 crianças escolarizadas.

#### 1.5 Objetivos Específicos ou Intermediários

d) caracterizar a personagem Mônica e outras personagens<sup>3</sup> que permeiam o seu universo infantil;

e) evidenciar as concepções ideológicas-informacionais presentes na organização das mensagens da série Mônica;

f) explicitar na leitura das crianças as concepções ideológicas presentes na narrativa da série Mônica.

### 1.6 Caracterização dos Sujeitos

Participaram dessa pesquisa 20 crianças<sup>4</sup>, sendo 10 de uma Escola Pública e 10 de uma Escola Privada. Dos entrevistados 50% é do sexo masculino e 50% do sexo feminino.

Com referência a idade dos sujeitos, a amplitude variou entre 7 a 12 anos.

A maioria dos sujeitos da Escola Pública pertence a classe média baixa e os da Escola Privada a classe média.

Quanto ao grau de escolaridade, os sujeitos cursam entre a 2 série até a 6 série do 1º grau.

Os sujeitos foram escolhidos aleatoriamente pelas responsáveis nas escolas (diretora, professora e orientadora pedagógica) obedecendo aos seguintes critérios:

a) um par de crianças de cada série da escola (um menino e uma menina) de modo a garantir que 50% da amostra representasse um dos sexos;

b) a faixa etária;

c) grau de escolaridade;

d) leitor das histórias em quadrinhos da Mônica.

### 1.7 Material

Na pesquisa documental: Histórias em Quadrinhos da série Mônica.

---

<sup>3</sup> As personagens mais próximas da nossa protagonista: *Cebolinha*, *Magali* e *Cascão*.

<sup>4</sup> Número suficiente para o objetivo dessa pesquisa, haja visto que este total é significativo e nos dá um perfil de leitor da **Mônica**; como também das leituras que são elaboradas sobre a personagem (McComick, 1995).

Na pesquisa de campo foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturada com itens de identificações que enfocavam: relação de Mônica com os meninos; Mônica com a escola; Mônica e sua super-força (conforme anexo I). As entrevistas foram gravadas.

### 1.8 Procedimentos Metodológicos

Na descrição do caminho por nós percorrido, optamos em começar pela caracterização do campo geral da investigação.

Vale lembrar que para atingir os objetivos a primeira parte da pesquisa é caracterizada como uma pesquisa documental, e a segunda parte é uma pesquisa de campo. Passamos então a mostrar a trilha que nós percorremos:

1) Para estruturação do referencial teórico-conceitual:

efetuamos a coleta bibliográfica ou realização de um “balanço crítico da literatura” que analisasse as várias vertentes das histórias em quadrinhos. Realizada esta tarefa, adquirimos subsídios para nos aprofundarmos no trabalho de leitura crítica e fichamento do material bibliográfico escolhido;

2) Realizamos a análise da personagem Mônica através da seleção dos seus vários eixos temáticos;

- a) relação Mônica e seus pais;
- b) relação Mônica e amigos;
- c) relação Mônica professora / escola;
- d) relação Mônica e o seu coelho Sansão;
- e) relação Mônica meios de comunicação de massa;
- f) Mônica e sua super-força

3) Pesquisa de campo sobre a Mônica, onde utilizamos também estes eixos temáticos como bússola na entrevista semi estruturada;

4) Selecionamos as duas escolas por facilidade de acesso, conhecimento da equipe da escola privada. A escolha pública foi escolhida por ser a mais bem conceituada no Município entre as estaduais;



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

5) Entramos em contato com as autoridades das escolas, pedimos permissão para a realização da entrevista, solicitamos a seleção dos sujeitos e espaço para a coleta;

6) A seleção dos sujeitos foi feita aleatoriamente de acordo com os critérios já explicitados no item 1.4 (caracterização dos sujeitos).

7) Preparo para a análise dos dados da pesquisa de campo:

a) transcrição das fitas, preservando os enunciados verbais tal qual foram emitidos;

b) procedemos a análise das tabelas.

8) Passamos às análises quantitativas e qualitativas que são apresentadas no capítulo Resultados e Discussões.

Além desses procedimentos, realizamos a localização de fontes, visitas a bibliotecas, gibitecas, bancas de revistas, além de outros setores cujos acervos estejam relacionados ao tema da dissertação foram de fundamental importância na elaboração da pesquisa.

#### CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

As histórias em quadrinhos como forma de linguagem representativa do nosso tempo, há mais um século vem despertando o prazer e o gosto popular para sua leitura. As HQ suscitam emoções, faz-nos mergulhar num emaranhado de paixões, além de nos propiciar um nostálgico re-encontro com os nossos heróis de papel. Fugir do apelo sedutor dos quadrinhos não é tarefa das mais fáceis.

Os mecanismos de sedução utilizados pelos quadrinhos, através da sua linguagem: cores, seqüência de quadros, histórias mudas, enredos fáceis, linguagem acessível, todos estes artifícios compartilhados inteligentemente na captura do leitor, vem despertando o interesse de pesquisadores.

Atualmente os quadrinhos ocupam lugar de destaque nas análises sobre a indústria cultural e sobre os M.C.M. As histórias em quadrinhos hoje, representam um convite a mais para o pesquisador interessado em desvendar os efeitos pedagógicos, psicológicos, informacionais e principalmente ideológicos dos quadrinhos.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Testes psicológicos aplicados em crianças mostraram que a informação quando transformada em histórias em quadrinhos era apreendida num tempo assustadoramente pequeno (Moya,1977,p.113), esta pesquisa, embora já tenha um certo tempo, justifica em parte a grande utilização dos quadrinhos nos livros didáticos.

Escolas de 1º e 2º grau, Bibliotecas e Universidades utilizam os quadrinhos como mais um recurso no processo ensino-aprendizagem.

Conscientes que realmente não “existem quadrinhos inocentes” e que através da construção das personagens (a maioria delas estereotipadas) e dos enredos das histórias, os autores perpassam para nós leitores uma visão de mundo e uma realidade estranha a nossa.

No caso específico da Mônica ocorre uma verdadeira apologia a “pedagogia do imobilismo”: os enredos repetitivos, as vitórias constantes da nossa protagonista, as derrotas freqüentes dos meninos, o não crescimento das crianças; elas não se tornarão adultas, a ausência de conflitos e de crises reais a exemplo de: separação entre os pais, morte etc.

A concepção ideológica transmitida pelas HQ da série Mônica, é uma concepção de ideologia burguesa, da classe economicamente dominante. Valores, gostos, atitudes, comportamentos e crenças desta classe são “sutilmente” repassados através dos enredos das histórias.

Para esclarecer mais esta questão, iremos enumerar alguns pontos que são omitidos ou que não são devidamente explorados nos quadrinhos da Mônica:

- A quase que total ausência de personagens negras nas histórias da Mônica;
- Todas as mães nas HQ da Mônica não trabalham fora, apenas desempenham tarefas domésticas;
- Mônica e nenhuma outra personagem da zona urbana estuda;
- No universo infantil da nossa personagem, não é dada uma real importância a ingerência dos adultos. Eles desempenham papel secundário;
- Não há envolvimento de nenhuma personagem em questões sociais, políticas e econômicas.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Em nossas análises sobre os conteúdos ideológicos das histórias em quadrinhos da Mônica percebemos que, se de um lado, eles se estruturam, se sustentam e funcionam comunicativamente devido a estrutura da série narrativa; do outro contribuem para determinar a estrutura que os revela; como uma estrutura circular, estática, veículo de uma mensagem pedagógica substancialmente imobilista. (Eco,1987, p.271).

Já na avaliação da leitura das crianças verificamos que a tendência é de reprodução ao que está “dito” no discurso quadrinizado da personagem. É como se ao lerem as histórias, as crianças assimilassem por meio da leitura a ideologia que é repassada nas HQ da Mônica.

Na tentativa de esclarecer mais sobre este ponto, tomaremos dois dos vários eixos temáticos analisados, quando na entrevista com as crianças. Elencamos estes dois eixos temáticos, pois consideramos os mais importantes na trajetória da nossa personagem, como também porque foram estes dois que mais polêmica geraram durante a realização das entrevistas. Passemos então a demonstrá-los:

- Sobre a relação Mônica e sua super-força, a maioria dos sujeitos, tanto da Escola Pública quanto da Escola Privada afirmaram que a força da Mônica vinha do seu coelho Sansão. Nesse sentido, as crianças realizam uma leitura prevista ou previsível, já que várias histórias mostram que sem o seu coelho, Mônica fica bastante fragilizada.

As crianças associam a força da personagem ao coelho. Mônica possui características de um super-herói e como quase todos eles possuem suas armas, amuletos, escudos e se tornam mais fortes quando utilizam estes instrumentos, as crianças realizam uma leitura bastante coerente, apesar de nós sabermos que mesmo sem o seu coelho Mônica é uma criança forte, pois como já dissemos anteriormente, Sansão é utilizado pela personagem mais como apoio emocional do que como um instrumento de força.

Com este exemplo, demonstramos que para essas crianças, a força da Mônica depende do seu coelho, pois é isso que é mostrado nas histórias, e as crianças não conseguem vislumbrar uma outra função para o coelho. No imaginário infantil dessas crianças, a força da Mônica não existe sem o seu coelho.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

E seguindo ainda a opinião dos sujeitos, é devido a esta força que Mônica sempre vence no final das histórias. Para as crianças, ela vence porque possui a força, o forte sempre vence, ele consegue derrotar o fraco. E no universo da Mônica, os fracos são principalmente as personagens Cebolinha e Cascão, que por não possuírem força estão fadados a serem derrotados.

A respeito da relação entre Mônica e o estudo, a grande maioria dos entrevistados responderam que Mônica estuda, apesar deles não terem detectado nenhuma história que mostrasse Mônica estudando ou indo para a escola. Para o grupo entrevistado, não se aceita a ausência de Mônica na escola. Eles não conseguem admitir que a nossa personagem central seja esperta, inteligente, sempre vença todas, sem precisar freqüentar uma escola e principalmente, porque Mônica, uma criança em idade escolar, não estude.

Não é fácil para essas crianças entenderem o motivo de Mônica não estudar. Mas entretanto, somos defensores da idéia de que Mônica não estuda, por que ela é a representação quadrinizada de uma sociedade, onde não é dada uma real importância ao estudo, uma sociedade em que a escola não é valorizada e a educação das crianças não recebe a prioridade governamental.

Qual será o interesse dos produtores da série Mônica em manter a turma urbana fora da escola? Qual seria a escola ideal para Mônica? Que contribuições a escola poderia oferecer a essas personagens? Qual seria o comportamento dessas personagens dentro de uma sala de aula? A respeito destas questões, encerramos a análise da leitura do grupo entrevistado como mais perguntas do que respostas.

Ao final, apreendida a dimensão ideológica da Mônica, se faz necessário frisar que a problemática das histórias em quadrinhos é um leque aberto em vias de descobertas e que só a pesquisa nos salvará do conhecimento epidérmico da personagem Mônica; nuances, ideologias, influências político-econômico-sócio-culturais.

Claro está que as discussões aqui delineadas representam diminuta parcela das potencialidades de análise sobre os quadrinhos e principalmente sobre a personagem Mônica, mas, deixamos aqui nossa contribuição na esperança de que os quadrinhos sejam poderosos instrumentos educativos nas mãos de quem os use, como os use, para que os use e para quem.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAINES, Lawrence. The future of the written word. In: SIMONS, J.S & BAINES, L. Language study in middle school, high school and beyond. U.S.A: Newark, Delaware, 1998, p. 190-214.
- BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e estética: a teoria do romance. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1993. 439p.
- \_\_\_\_\_.(Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem. 7ed. São Paulo: Hucitec, 1995. 196p.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. 6ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. 96p.
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.351p.
- CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 179p.
- \_\_\_\_\_. O discurso competente e outras falas. São Paulo: Brasiliense, 1993. 309p.
- \_\_\_\_\_. O que é ideologia. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 125p
- CIRNE, Moacy. A explosão criativa dos quadrinhos. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1974. 70p.
- \_\_\_\_\_. Para ler os quadrinhos. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1975. 99p.
- \_\_\_\_\_.Uma introdução política aos quadrinhos. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1982. 117p.
- \_\_\_\_\_. A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1975. 81p.
- CURY, Maria Catarina. Modos de ver a leitura: o filme na prática escolar. Campinas: 1995. 159p. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- DIAS, Suelly Maria Maux. A imagem violentada: publicização de atos anti-sociais no jornal Correio da Paraíba - década de 80. João Pessoa: 1997. 196p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba.
- DORFMAN, Ariel , MATTELART, Armand. Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 135p.
- DORFMAN, Ariel , JOFRÉ, Manuel. Super homem e seus amigos do peito. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 171p.
- DUARTE, Emeide Nóbrega, NEVES, Dulce Amélia de Brito, SANTOS, Bernadete de Lourdes de Oliveira. Manual técnico para realização de trabalhos monográficos. 3 ed. melhorada e atualizada. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1998. 80p.
- EAGLETON, Terry. Ideologia: uma introdução. São Paulo: UNESP, 1997. 204p.
- ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1987. 386p.
- \_\_\_\_\_. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1988. 170p.
- \_\_\_\_\_.O super homem de massa: retórica e ideologia no romance popular. São Paulo: Perspectiva, 1991.187p



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- FIERLI, Aglaé de Lima et al. Gibilândia: Relato de experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991, Salvador. Anais... Salvador, Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia: 1991. v.1, p. 80-91.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, 239p.
- FRANÇA, Júnia Lessa, VASCONCELOS, Ana Cristina de, BORGES, Stella Maris, MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 2 ed. rev. aum. Belo Horizonte: UFMG, 1992, 196p.
- FREEMAN, Matt. The case for comics. News of the profession, New York, v.15, n° 3, p.3, dec.197\_ jan./98.
- FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão. São Paulo: Loyola, 1985, 162p.
- GAGLIANONE, Regina Helena do Amaral, THEREZA, Arlete Gonçalves. Gibiteca: leitura-prazer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991, Salvador. Anais... Salvador, Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia: 1991. V.1, p. 6-32.
- GADET, Françoise e HAK, Tony (orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2 ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1993, 319p.
- GARAMBONE, Sidney. O Spirit que anda: o quadrinista Will Eisner critica a ditadura da forma e pede mais conteúdo para as histórias do gênero. IstoÉ, São Paulo, n° 1465, p. 134-135, out/97.
- GERALDI, João Wanderley. Portos de passagem. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 252p.
- IANNONE, Leila Rentroia, IANNONE, Roberto Antonio. O mundo das histórias em quadrinhos. São Paulo: Moderna, 1994. 87p.
- JANSEN, Roberta. Heróis violentos são “espelho” para criança. O Correio da Paraíba, João Pessoa, 7 jun.1998. Domingo, p.12.
- LUYTEN, Sônia. O que é histórias em quadrinhos. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 88p.
- \_\_\_\_\_. Histórias em quadrinhos: leitura crítica. 2 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. 91p.
- MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. 2ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. 198p.
- MAYHER, John S. Language education in the 21 st century: dreaming a caring future. In: SIMONS, J.S & BAINES, L. Language study in middle school, high school and beyond. U.S.A: Newark, Delaware, 1998, p.154-166.
- MARCONDES FILHO, Ciro. Quem manipula quem? poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1992, 163p.
- MARTINS, José de Sousa. Sobre o modo capitalista de pensar. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1982. 82p.
- MARTINS, Wilson. A palavra escrita. História do livro, da imprensa e da biblioteca. 2ed. São Paulo: Ática, 1996. 519p.
- MCCOMICK, S. Teachers using single-subject designs in the classroom. In BRAITHMAITE, J. Single-subject experimental research application for literacy. USA: Newark Delare, 1995. 19714- 8139p.

- MIRANDA, Orlando. Tio Patinhas e os mitos da comunicação. 3 ed. São Paulo: Summus, 1978. 184p.
- MARX, Karl , ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. (I-Feuerbach ).4 ed. São Paulo: Hucitec, 1984.138p.
- MOYA, Álvaro. Shazam! 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1977, 343p.
- \_\_\_\_\_. História da história em quadrinhos. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 212p.
- NATTIEZ, J.J. Problemas e métodos da semiologia. Lisboa: ( Coleções 70 , n.18 ) 1979.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e leitura. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993. 118p.
- \_\_\_\_\_. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2 ed. Campinas- SP: Editora da UNICAMP, 1987, 276p.
- \_\_\_\_\_. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.150p.
- \_\_\_\_\_. (org.). Gestos de leitura: Da história no discurso. 2 ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997, 281p.
- PACHECO, Elza Dias. O Pica-Pau: herói ou vilão? Representação social da criança e reprodução da ideologia dominante. São Paulo: Loyola, 1985, 255p.
- PÊCHEUX, Michel. O Discurso: estrutura ou acontecimento. 2 ed. Campinas-SP: Pontes, 1997, 68p.
- PENTEADO, Heloísa Dupas. Televisão e escola: conflito ou cooperação. São Paulo: Cortez, 1991.175p.
- RABELLO, Odília Clark Peres. Atividades de leitura em biblioteca: equívocos de uma prática. In: R. Esc. Bibliotecon. UFMG. Belo Horizonte, v.16, nº 2, p.130-142, set. 1987.
- SATO, Kyolso. The invisible discrepancies in the teaching of language. In: SIMONS, J. S. & BAINES, L. Language study in middle school, high school and beyond: U.S A: Newark, Delaware, 1998, p. 125-153.
- SAUSSURE, Ferdinand. Curso de lingüística geral. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 1977, 279p.
- SERPA, Dagmar, ALENCAR, Marcelo. As boas lições que aparecem nos gibis. Nova Escola, São Paulo, v.13, nº 111, p.10-19, abr.1998
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 19 ed. São Paulo: Cortez, 1995, 252p.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1992.104p.
- SILVA, Silvano Alves Bezerra da. A reclusão da pedagogia e a pedagogia da reclusão: estudo a partir de uma história em quadrinhos. João Pessoa, UFPB / Mestrado em Biblioteconomia, 1989. 81p.
- \_\_\_\_\_. A pedagogia de Chico Bento: O caipira e o seu universo no discurso das histórias em quadrinhos. João Pessoa: CCSA/UFPB, 1998. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação.288p.
- \_\_\_\_\_. A trajetória de Asterix numa indústria centenária in Cambiassu - Estudos em Comunicação. São Luís: Departamento de Comunicação/UFMA, vol. VII, nº 1, jan/jun, 1997, pág. 148-165
- SQUIBA, Márcia. Entrevista concedida a Marcília Luzia no dia 24.10.97, nas instalações da Gibiteca de Curitiba.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SOUSA, Maurício. Fábulas Contemporâneas. *Jornal do Psicólogo*, Belo Horizonte, abr/maio/1997. Entrevista, p.8.

TARGINO, Maria das Graças. Citações bibliográficas e notas de rodapé: um guia para elaboração; nova versão. Teresina: UFPI, 1993. 42p.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995, 427p.

VEJA. Mônica vai às aulas. São Paulo, 9 out. 1996. v.29. n° 41. p.13.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Histórias em quadrinhos: seu papel na indústria de comunicação de massa. São Paulo: 1985. 184p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)-Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.